



25ª edição

Teresa Noronha

Um trem de janelas acesas



Ilustrações: Evandro Luiz da Silva

Conforme a nova ortografia



Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão • Pedro Cunha Jr. (coord.)/Maria Irene Incaó/Camila R. Santana

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Diagramação e finalização • Setup Bureau Editoração Eletrônica S/C Ltda.

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Liliana Olivan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Noronha, Teresa

Um trem de janelas acesas / Teresa Noronha ;
ilustrações Evandro Luiz da Silva. — 25. ed. — São
Paulo : Atual, 2009. — (Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-1131-8

1. Literatura infantojuvenil I. Silva, Evandro
Luiz da. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Copyright © Teresa Noronha, 1989.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

11ª tiragem, 2018

CL 810342

CAE 575982

Sumário

Nosso trem 7

A passagem da ponte 13

Na sala de espera: minha heroína predileta 18

O casamento 23

Na sala de espera: a gaiola dourada 28

O assaltante 35

Bolinhos de chuva 39

A moça que chorava 46

Na sala de espera: dois mistérios 50

A última viagem 56



A autora 61

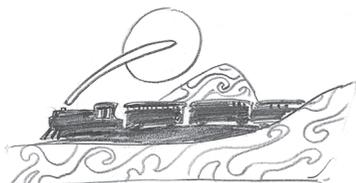
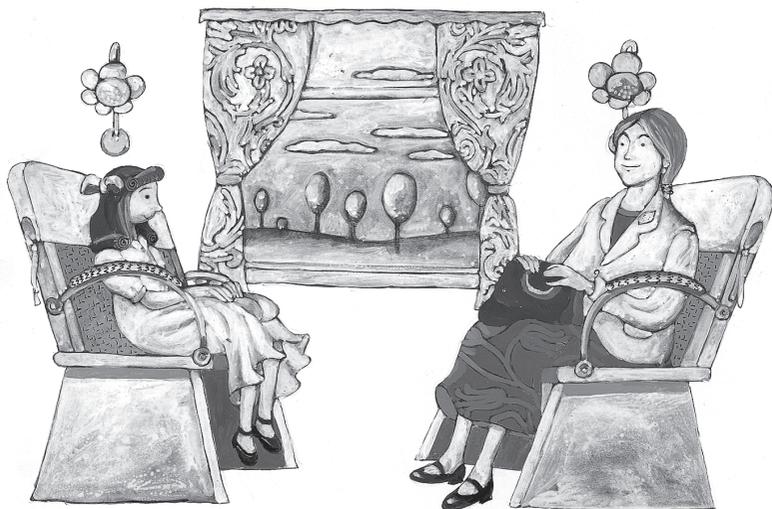
Entrevista 62

*Para
Maria das Dores de Toledo,
minha avó,
que sempre foi uma grande companheira*

*Felicidade não é utopia.
Ela existe.
Não como prêmio,
mas como conquista.
Não é uma estação
aonde chegamos.
É maneira de viajar.*

Roque Schneider

Nosso trem



*Pelos trilhos da distância,
no trem de minhas tristezas,
somente o vagão da infância
tem janelinhas acesas.*

Cipriano F. Gomes

– Vamos pegar o último vagão e arranjar um banco duplo – disse minha avó. – E nada de correrias, temos muito tempo.

Seu Olavo da farmácia passou por nós, apressado.

– Eu sou mais esperto, vou lá para a frente e chego primeiro – disse, rindo de nós.

Era um trem muito bonito e bem cuidado. Eu apreciava as paredes e o teto de madeira envernizada, os lustres em forma de flor e os bancos de palhinha com uma capa branca na parte superior do encosto. Ele chegava com o sino tocando festivamente, e na hora da partida seu apito era tão forte que fazia a gente estremecer.

Vovó escolheu um bom lugar e fez o banco da frente deslizar nos trilhos até ficar virado para nós. Muita gente fazia isso para ter mais espaço para a bagagem, para descansar os pés ou para deitar uma criança. O motivo de vovó era diferente: ela gostava de companhia. E os dois bancos, face a face, eram como dois sofazinhos numa sala de visitas.

Quando o trem ficava cheio, muitas pessoas pediam licença e faziam o banco voltar à posição certa. Mas a maioria se acomodava na nossa frente e puxava prosa. Se a pessoa fosse tímida, vovó é que começava uma conversa que durava a viagem inteira.



Todos os meses, vovó viajava para visitar os filhos. Tinha nove, morando em cidades diferentes mas próximas da nossa.

Eu era sua companheira constante. Tinha dez anos e a certeza de que na minha companhia vovó estaria livre de muitos perigos: um mal-estar repentino, uma queda, um assalto ou perda de bagagem.

Para vovó, essas viagens, sem meus pais, me tornariam menos tímida e mais independente. Mas o motivo principal de irmos sempre juntas era que a gente se dava bem e esses passeios eram muito divertidos para as duas.

No começo, eu tinha vergonha de viajar com minha avó... Não que ela chamasse a atenção por qualquer motivo desagradável. Pelo contrário: vovó era muito discreta.

Vestia sempre um conjunto escuro, de seda ou de lã, e uma blusa branca, impecável, com um broche na gola. Usava sapatos fechados, confortáveis, de salto baixo. Seu único luxo eram as meias de seda, muito finas. Os cabelos lisos, prateados, eram penteados para trás e presos num birote com grampos compridos.

Sem ser muito alta, tinha um porte bonito, cheio de distinção, e sua simpatia era impressionante. Feições muito delicadas: nariz pequeno, olhos esverdeados, expressivos, e um sorriso aberto para o mundo.